

# A BATALHA

PORTA-VOZ DA C.G.T. (Confederação Geral do Trabalho) PORTUGUESA

NUMERO ESPECIAL

DEZEMBRO DE 1944

## ACUSAMOS-TE.

### "SERA FICO... PANTOMINEIRO DA NEUTRALIDADE!"

Aqui te vamos julgar, réu de mil crimes.

Não tremas, coarde, e escuta! Sabemos porque tremas, como já tremem o poltrão Mussolini e o fanfarronante Hitler; tremes porque sentes a onda abalando a jangada em que embarcaste na triste aventura de um fascismo universalizado que apaga-se para sempre a velocidade da libertação. Mas superior a ti e aos teus aliados que te avantajam pelo arrojo de se exporem, que tu nunca conheste, e a sombra de quem te acolheste coberto com a túnica de Cristo, há o poder indestrutível da Liberdade, há as forças vitais da Humanidade que reagem sempre contra as coacções que queiram subjugar-las privando-as das suas faculdades ingénitas.

Ouve! Vamos aqui acusar-te, julgar-te quando ainda és tranfo da política fascista e magarife do Tarrafal, de Timor, de Angra e das cadeias do país.

Hoje mesmo ouvirás o relato dos teus crimes, humanidade imperdoável, para que, quando tu e os teus cúmplices tenham a sorte do Ciano, de Di Bono, do chefe da polícia fascista de Roma e dos assassinos de Matteotti, não demores a julgar-te.

Ficarás já julgado. A História terá de exigir apenas a tua expiação.

A reconstrução do mundo, antes empobrecido, aviltado e degradado pela vossa Política de morte, e depois posto em ruínas fumegantes, varridas pelo vento dos ódios e imersas em sangue humano, é obra urgente e tão grande que não dá tempo aos povos para inquirir-vos, julgar-vos e condenar-vos.

Falamos no plural porque és réu e cúmplice dos réus em causa perante o tribunal da História dos nossos dias. — Escusas, miserável refugio humano, de disfarçar-te com a capa de santidade com que te cobres, de dissimular-te em campeão da paz e hábil estadista

da neutralidade para que te julguem teres livrado o nosso povo do horror da guerra. De nada servem as tuas blandícias de prostituta, oferecendo beijos impudicos aos que te parecem vencerem, para salvares a nau pirata dos bandedeiros da União Nacional; de nada servem as tuas habilidades de Proteu.

Está aberta a audiência!

Vai ser lido o libelo acusatório contra o réu António de Oliveira Salazar, que é acusado de assassinio voluntário com premeditação e sucessão de crimes na pessoa de um povo inteiro, de cúmplice no morticínio mundial da guerra, de falsário, e de roubo e dano.

Acusamos-te, Salazar!

Ha labios de crianças que te anatimizam porque foste o assassino de seus pais; ha mães que te odeiam derramando lágrimas pelos filhos que lhes roubaste; ha mulheres que te maldizem porque lhes roubaste os companheiros. Ha um santo ódio colectivo que te abomina, vitupério humano, flagelo dum povo.

Lá longe, nos confins da Oceania, tombaram para sempre desgraçados que sepultaste no Inferno de Timor.

Quanta dor, quanta tragédia nos portões do Pero de Alenquer, no Alentejo e pelo interior da ilha! E finalmente, qual a sorte dos desgraçados que durante 14 anos sofreram todas as inclemências e todas as barbaridades, após a conquista da ilha pelos teus cúmplices orien-

## NA BRECHA

Este suplemento de «A Batalha», marcando o recrudescimento da actividade revolucionária do movimento operário português, vinca a posição indefectível e intransigentemente demolidora assumida e mantida, sempre, contra o regime salazarista, pela nossa organização confederal.

A substituir o nosso «Boletim Confederal» passaremos a dar, em letra de forma, periodicamente, noticia publica das nossas actividades, nunca interrompidas e jamais superadas.

Sigamos na brecha, na barricada, na luta ininterrupta que iniciamos ha 17 anos, contra a Ditadura!

De pé — contra o fascismo!

Contra Salazar!

Contra a «Legião»!

Contra a «União Nacional»!

— Pela Liberdade!

tais do «Eixo»?

Caíste o ultrage ao territorio nacional por cumplicidade e por julgares que se pode apagar assim o crime das tuas deportações.

(Segue na 4.ª pagina)



UNIDADE

Dois são os principais factores que leem tornado resistente e duradoura a tirania que pesa sobre as massas trabalhadoras: a sua ignorancia e embrutecimento e a sua divisao que, mesmo entre as camadas mais conscientes, ajudam esplendidamente a burguesia-capitalista na obra de desarticulacao do seu movimento libertador.

Para o embrutecimento, aliados a ancestralidade das mais diversas taras, dispõem os inimigos do proletariado de dois meios: a taberna e a igreja.

Para a divisao servem-se duma multiplicidade de engenhosos ardis. A miséria a que os trabalhadores se vêem reduzidos é, claro está, a gènez da eficaçia de todos eles.

Os elementos provocadores que, espalhados pelo meio da massa lançam o desânimo ou semeiam a desconfiança entre os próprios camaradas, agem pelo dinheiro que num trabalho honesto e humanizado não conseguiriam. Mas o grande meio, o que a maiores desvios tem conduzido o operariado, tem sido, seguramente, os «partidos politicos», cuja organisação e desenvolvimento a burguesia-capitalista «carinhosamente» tem patrocinado — embora sempre occultamente, já se vê.

Com rótulos mais ou menos «rubros» e atraentes (hojem Progressistas, Regeneradores, Mlerais, republicanos, etc. hoje radicais, democratas ou «socialistas») todos dizem ter nascido para fazer a felicidade do povo.

E o povo, em grande parte, nêles tem confiao, dilatando assim a servidão ignobil em que vem vivendo. Aparte as boas intenções de alguns elementos que inicialmente teriam entrado nêses partidos, tudo o mais não passou nunca de pura farsa para enganar os trabalhadores.

Nos países em que a tirania capitalista atingiu a sua fase mais aguda (o que se convencionou chamar «nazismo» ou «fascismo») os partidos mais utilitariamente esquerdistas, agrupando grandes massas operarias, tem cooperado activamente com os trabalhadores de todas as tendencias na luta contra a opressão.

É a unidade de combate — que de modo algum significa identidade ideologica — poderia ser seguida por nós na luta contra o salazarismo.

Bem sabemos quão pouco animador é o exemplo oferecido pela sangria que nos nossos camaradas gregos tem sido feita pelos seus amigos da vespera.

Mas esse novo crime dos «social-demo-liberais» não é uma novidade. Já sabemos que a unidade que pretendem só seria efectiva na medida em que lhes sirva os appetites. Mas tambem não ignoramos que o cântaro das suas ambições despóticas tanta vez vai a fonte das reirinações dos trabalhadores, que um dia por lá fica escaqueirado...

Façamos, pois, a unidade para lutar contra o fascismo que agora nos sufoca — mas dispostos a lutar contra todos os fascismos com que queiram agri-

lhoar nos, mesmo que eles sejam forjados pelos tais... «amigos dos diabos»...

A "DEMOCRACIA" DEMR. CHURCHILLOU O "CASTIZO" GALO DE MORON...

Ha na provincia de Sevilla uma pequena villa denominada Moron, que em toda a Andaluzia é frequentemente recordada por uma proverbial locução muito empregada para designar os que, por muito entoados, se tornam ridiculos.

Trata-se do famoso «galo de Moron, que por muito cacarejar, ficou depenado».

Lá está, no centro duma «plazoleta» da simpática villa, materializada na pedra pelo cinzel do artista, a ironia mordaz dos «chistosos» andaluzes, — pittoresco monumento à vaidade jactanciosa.

A fria Inglaterra tem, como a ardente Andaluzia, um «galo de Moron»: o sr. Churchill.

Como o seu confrade de Moron, o «premier» britânico não se cansa de cacarejar liberdades e Democracia para todas as raças e latitudes do orbe; Mas como o outro, vai perdendo a plumagem brilhante e colorida dum prestígio que todo o seu oiro de milionário não logrará recompor.

O Presidente do Conselho inglês, à sombra dos serviços que a sua energica actividade presta à Nação nas dias dificeis da iminência de invasão, pretende pagar-se exigindo que o país se submeta aos seus despoticos caprichos. Utiliza as tropas inglesas da libertação anti-fascista... para impor nos países «libertados» um «neo-fascismo» que sirva os interesses imperialistas da plutocracia britânica.

E no parlamento defende-se dos cautelosos ataques dos colegas... cacarejando «Democracia»...

Quando o ataque é um pouco mais cerrado e certo, bate o péssimo, numa birra da segunda infância e cacareja então (tal como o «nosso» Salazar tambem já fez) «ou accitam o que fiz e continuarei fazendo, ou vou-me embora!» — E o'hand' aos serviços prestados... o sr. Churchill, tal como o «outro», continúa, e vai deitando pela borda fóra os creditos da «bonacheirona» Democracia inglesa...

Em França, Petain, feito Marechal em galardão de serviços prestados, serviu-se, como agora o sr. Churchill, do prestígio ganho no passado para traír a propria Nação que o premiara.

O tradicional «bom-senso» inglês terá que apelar o seu idolo quanto antes não vá o Diabo fazê-lo Marechal da Democracia — o que seria sinónimo de assassino da liberdade dos povos.

Porque isto de «Democracia» cacarejada e defendida por milionários, é como se encarregassemos os cartelistas de guardar e defender — as nossas carteiras...

E o galo de Moron ficou depenado de tanto cacarejar, o «galo» de «Down Street», por mais que cacareje, já não consegue que os povos lhe admirem a emplumada retórica sobre a «Democracia», porque o «pobre», como o de Andaluzia, já está a ser depenado pelo bom-senso dos que começam a conhece-lo de gingeira...



Dezembro de 1944

## A BATALHA

Pag. 3

(Conclusão da 1.ª pagina)

Arripou-te a destruição de Guernica, o flagelo de Madrid e as trágicas noites do Alcazar de Sevilha? Nada disso confrangeu a tua alma de Shylock; a vitória de Franco era o pranchão do nazismo lançado sobre o Atlantico e o Mediterraneo, era a mordaca traiçoeira lançada à França, e era isso mesmo que tu desejavas.

A guerra de Espanha sucedeu a guerra mundial. Ficaste neutral porque isso convinha às potencias fascistas, servindo Portugal de entreposto marítimo da Alemanha e de Italia, e tu como agente de compras e de espionagem.

Caiu a França, outros povos caíram igualmente numa luta heroica, e tu, «seráfico» malandrete, declaraste-te neutral, mas fornecias tudo às potencias do «Eixo», até o volframio indispensavel às indústrias de guerra nazis.

Nas horas em que as armas do nazismo amordavam e destruíam as liberdades dos povos, aplaudias a politica totalitaria do «Eixo», esvasiavas o país dos seus recursos alimentares e continuavas a impedir toda a manifestação de pensamento que sempre te aborrecia.

Eras neutral, mas por conveniencia do «Eixo» e da tua politica de trampolim. Assim garantias uma entrada de abastecimentos para a Alemanha, que doutro modo deles ficaria privada.

Fizeste sempre esse jogo, mas o curso dos acontecimentos acabou por descobrir todos os teus processos.

Se não entramos na guerra, é preciso ficar esclarecido, foi porque isso conveio á politica de ambos os beligerantes — e nunca pela tua obra que sempre nos comprometeu com o fascismo.

Se não querias a guerra, monstro saurio, porque a provocaste, ajudando a Alemanha e a Italia fascistas a estabelecer em Espanha uma situação que provocaria inevitavelmente a catástrofe?

Se querias a paz, em contradição levaste a guerra a um país vizinho que tinha decidido os seus destinos a seu contento, e com o qual deviamos estabelecer a maior colaboração e amizade!

E as nossas fronteiras fecharam-se porque acirriste o ódio entre os dois povos.

Se querias a paz, porque ajudaste a Alemanha e a Italia na sua politica de agressão?

Depois das responsabilidades que contraíste com o heroico povo checoslovaco, rompendo as relações diplomaticas por inspiração alemã, como as que assumiste no assassinio do povo espanhol, na malsinagem do povo russo, e dos cânticos que entoaste em louvôr do «dinamismo totalitario», considerando fracassados os povos que não aceitavam a gargalheira do terror, depois que consentes que as bestas esfoladas da «Legião» e da tua imprensa insultem povos e homens adversos ao fascismo, como se apresentará o povo português perante as outras nações no dia da paz e da reconstrução do mundo?

Comprometeste a nossa dignidade colectiva; és réu de ultrage e de burla à confiança dos que con-

fiaram em ti.

Es um burlão!

Escuta ainda, porque a lista dos teus crimes é imensa!

Que destino reservaste aos operarios que se rebelaram porque querem o pão a que teem direito pelo seu trabalho vilipendiado?

Em nome de que direito privas do trabalho, e por consequencia do pão, os chefes de familia e os seus que tiveram a nobreza de erguer a voz para ti e reclamar o pão que tu lhes tens roubado?

Quem és tu, que divindade é a tua que não consente o protesto e castiga como um Jeová iracundo?

Em nome de que Evangelho, sátrapa tuoso e reles, dispões da vida, do pão e da liberdade dos que trabalham, dos seus filhos inocentes, das suas familias sacrificadas?

E és tu cristão, fariseu de boa marca! Bates no peito, refinado maroto! Todos os dias o teu confessor te absolve para que «em santidade» possas cometer todas as vilanias.

Es o exemplo perfeito dessa religião da hipocrisia!

Es réu comprovado de mil crimes!

Pelos teus crimes mereces a morte, mas em nome da Humanidade e do Direito condenamos-te a ouvires em silencio o choro e as imprecações das mães e das viúvas das tuas vítimas mortas ou sepultas nos cárceres e nos desertos, a afrontares o olhar inocente das crianças que te olham como o carrasco de seus pais, e a enxugar todas as lágrimas que fizeste correr durante o teu reinado de Nero.

## PRESOS E

## DEPORTADOS

Insistamos em que «o governo de Salazar mantém um regime de puro arbitrio individual, á margem de todas as disposições legais dos seus códigos, dos seus decretos, dos seus regulamentos, etc., milhares de individuos presos e deportados, em Peniche, nos Aljubes de Lisboa e do Porto, nas Esquadras, nas Penitenciarias de Lisboa e de Coimbra, e na Guiné, em Moçambique e em Timor, — presos e deportados a quem é preciso libertar imediatamente.»

Entre essas vítimas do salazarismo, ha individuos que são simples presos preventivos — ha 17 anos!! Outros, julgados e condenados, terminaram as suas penas ha 6, 5 e 3 anos!!...

Quando é que o proletariado se decidirá a levantar-se e a pôr termo a esta situação, a este regime de dominio absolutista, a esta farsa, a esse ignominioso sistema de Governo ultra-fascista?



(Continuação da 1.ª pagina)

Julgaste que depois a sorte dos deportados se confundiria com a sorte dos colonos, e tudo se reduziria a uma calamidade colectiva de que tu serias o primeiro a carpir lamentações.

— Alto, assassino e traidor! Tu botaste discusso contra a intervenção inglesa em Timor, mas calaste a agressão e as turbulências japonesas. Preferiste esse jogo porque eras cúmplice, e o incêndio podia apagar os vestígios do teu crime.

Escuta, assassino! Ouve: Nem o ruído do Oceano imenso apaga o clamor das imprecações dolorosas que, nas plagas inhóspitas do Tarrafal, da Guiné e de Timor, saltam as tuas vítimas — nesses cemitérios de vivos e de mortos, dantesca criação do teu ódio dos espíritos livres, aos que não serbem a camarilha clerical de que és raífeiro e serbó: essa instituição extra-humana que procura dominar o mundo e as consciências no interesse da seita.

Já a terra consumiu os que mandaste fusilar após teres afogado em sangue as revoltas do «7 de Fevereiro» e do «28 de Agosto», mas não os esqueceram os nossos corações. Os mortos falam e acusam-te! Ha os orfãos, as viúvas e as mães em luto que esperam a justiça que ha-de ser feita um dia...

Massacraste o povo com impostos, para fadares de «superavits», e puseste o teu «groom», o Ferro, a assombrar nas tabas da imprensa mercenária a mara-nilha da tua obra financeira, obra sarracajá de sôvi-na torpe e untuosa.

E onde applicaste tanto dinheiro arrantado à miséria dum povo, aos que trabalham e produzem riqueza?

Com essas extorsões recompensaste a canalha parasitária do clero que voltou a sugar as energias do povo; fundaste uma agência de compra de consciências, criando lugares chorudos e lugares de servidão para outros, para quantos accitassem a coileira da Legião e da União Nacional. Muito, foi-se na voragem do sacco sem fundo da P.V.D.E., e até nas sinecuras e nos desbaratos das Obras Publicas, mas para iludires por escárnio, como a Maria Botas que vendia gato por lebre, compraste uns torpedeiros e uns aviões para recreio dum «cabides de farda», arranjaste as estradas que toda a gente vê, derreteste milhares de contos na fôrte da Exposição do Mundo Português, e com tudo isto julgaste que convenceste a Nação de que contigas as «cavaleiras» era muito grande: um Império colossal...

Hoje, que a guerra poz à prova a armadura económica e os recursos do país, constata-se a nossa pelin-trice e a nossa decadência forjada por ti e pelos teus acólitos, a vacuidade das tuas construções politicas.

Ha fome e miséria, consequências da tua obra de prestidigitador.

Para fazeres tudo isso arruinaste toda a gente: só a «flôr do mal da plutocracia», instalada no Terreiro do Paço e no Banco de Portugal, só essa impa, aplau-de-te e aguenta-te.

Quiseste ludibriar os trabalhadores prometendo-lhes um céu, e destruíste-lhes as suas organizações sindicais; aniquilaste os seus melhores valores militantes e depois, uma a uma, arrancaste todas as regalias operárias.

Reduziste para 50 % o pagamento das horas extraordinárias; os salarios decaíram, o n.º 1 e o n.º 2 e o moral do operariado inferiorizou-se, e então, lançaste o imposto de 2 % para o chamado «Desemprego», o imposto braçal as cotizações duma previdência e duma «bonô de familia» que ninguem vê e ninguem recebe. — Com as centenas de milhares de contos do «Desemprego» anti-haste os vadios da aristocracia pe-liatra e os fallados das Universidades e dos Liceus, e concertaste as sacristias para que o beaterio e os seus mentores, à hora em que os outros trabalham, to-niquem ou devassem a deshonrem a consciencia de cada um.

E a obra dum falsário, dum ladrão de casa, que rouba fazendo a lei que lhe co-n-sinta o roubo.

Ajoelha-te, assassino, e escuta ainda! Deste guarida à horda assassina das f-bendados do povo espanhol e alojaste e protegiste a sua conspiração. Aqui, com a tua cumplicidade e ajuda, se preparou a guerra de Espanha que enfiou a cabeça na guilhotina que está flagelando o mundo.

Foste tu que apunhalaste pelas costas esse povo que havia tido a nobreza de se il-ber-tar e que sósinho lutou então pela liberdade da Europa.

Badajoz, Mérida, a Extremadura e a Galiza senti-ram bom como a tua navalha assassina mergulhou no sangue dos seus filhos.

Canalla refêce! Desmentiste a nossa lealdade, a nossa hospitalidade, a sagra das leis que protegem em toda a parte os emigrados e em especial os politicos!

Entregaste aos assassinos da «Falange» mulhe-res, homens e crianças que procuravam no nosso país a tranquillidade e a vida.

Depois financiaste a empresa. Por aqui passou armamento, víveres, tudo o que as flageladoras herdadas do «Caudilho» precisavam para a sua guerra de extermínio.

Então, «seráfico» panfomineiro da neutralida-de, declaraste esentoriamente a tua solidarieda-de com Franco e mandaste mercenários portugue-ses para as suas hostes, e não foste neutral.

Contudo tinhas a consciencia de que o conflito espanhol concluiria pela guerra mundial.

Como appareces agora paladino da neu-tralidade e da Paz, quando ajudaste a for-jar as armas e a preparar as causas do conflito?

Se querias a Paz e deseavas sinceramente li-vrar o nosso povo da guerra, porque, então, nos comprometeste mais renegando as nossas tradi-ções cavalheirescas e humanas, arregimentando hordas e declarando-te interessado na guerra de Espanha?

Foste sempre um hipócrita calculista e perverso! — Então não eras neutro, porque te a-brigaste com o insolente bandoleirismo fascista e no-zi, que tornará a falsidade e o terror a lei nor-mal entre os homens; a sombra do que procuras-te impor na Península o poder clerical. Sentias-te impune, não é verdade?

(Conclui na 3.ª pagina)